

EDITORIAL

Com o número 5, a revista *Linha d'Água* entra em nova fase editorial.

Criada em 1980, como órgão da Associação de Professores de Língua e Literatura, *Linha d'Água* tem agora condições de manter uma periodicidade regular, com dois números anuais. Contou, para isso, com o apoio decisivo da FAPESP e do CNPq.

Como ocorreu desde a publicação de seu primeiro número, continuará a reunir colaboração de professores dos 3 graus de ensino, procurando contribuir para o seu inter-relacionamento.

A discussão de questões relativas ao ensino e à pesquisa de língua e literatura e ao debate da educação, em sentido amplo, acrescenta, a partir deste número, mais duas seções: uma, de poesia e ficção (seção de inéditos), outra, de colaboração estrangeira.

Linha d'Água agradece a todos os que tornaram possível este número e espera, também, a sua contribuição.

DAVI ARRIGUCI *
FALA DE BANDEIRA

Entrevista concedida a Alfeu Ruggi,
da Agência Estado, em 1986.

Em vários momentos, Manuel Bandeira classificou-se de "poeta menor". Como analista de sua obra, como você vê essa autocrítica?

R — De fato, em diversas ocasiões ele se disse poeta menor. Mas eu não vejo isso como um juízo de valor ou classificação hierárquica, e sim como um traço, já, da atitude fundamental do poeta. Nos últimos anos venho desenvolvendo um trabalho geral sobre a obra de Bandeira em que procuro, entre outras coisas, caracterizar essa atitude básica que tenho chamado de atitude humilde, de estilo humilde. Bandeira brincava muito, dizendo que grande era Dante. Mas nessa atitude de se comparar por baixo com alguns

poetas universais, como é o caso de Dante, reflete já uma posição diante do mundo, no modo de conceber a poesia. Uma das características fundamentais dele foi ter puxado a poesia para baixo, para o chão do cotidiano, para perto de nós, sobretudo na obra madura, a partir de "Libertinagem", na década de 30.

P — Apesar de ter saído da aristocracia rural de Pernambuco, ele depois foi apontado como um dos nossos poetas que mais se identificaram com a pobreza e melhor souberam extrair do cotidiano aquilo que há de universal. Como foi essa passagem?

R — Esse é um problema que tem muitos lados, não é

* Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP.